CONHECIMENTOS UTEIS.

TAPUMES DAS PROPRIEDADES RURAES.

233 Publicados ja os artigos — *sobre caminhos municipaes — sobre o commercio na sua ligação com a agricultura e industria nacional — e sobre a formação de sociedades de agricultura e industria* — que haviamos promettido como preliminares aos de agronomia e economia rural; abriremos agora a serie d'estes pelo presente, que é fundamental a todos os respeitos; ou porque os *tapumes* completam a idea de propriedade, e seguram o seu goso e posse contra *atraveçadoiros*, roubos; e devastações de homens, animaes e carros; ou porque augmentam a fertilidade e melhoramento do solo e producção das terras em cultura ou que se queiram cultivar; ou porque em si mesmos offerecem productos de diversa importancia e prestimo, para o rendimento e serviços de lavoira e economia campestre; pondo ainda de parte a protecção e defensa que conferem aos locaes em occasião de guerra e marchas de tropa, principalmente de cavallaria e artilheria, a que servem de barreira natural.

Os *tapumes* destinados a fechar os terrenos e demarca-los entre confinantes, são tão antigos como o direito de propriedade; os romanos usaram d'elles para esses fins, e os recommendaram em beneficio da lavoira: os seculos de ignorancia, que se seguiram ao imperio romano, e o systema dos feudos, amorteceram a prática dos *tapumes*; até que em tempos proximos a nós tornaram a reviver com mais vigor do que nunca, e a ser considerados como o primeiro dos melhoramentos da agricultura por todas as nações da Europa, sendo a Inglaterra a que tomou a dianteira, e deu exemplo ás outras.

Com effeito, em 1793 creou o governo d'Inglaterra uma repartição para tomar medidas efficazes, afim de se effectuarem os possiveis melhoramentos agrarios; de se removerem os obstaculos directos ou indirectos, que impediam ou contrariavam o desenvolvimento da lavoira; e de propor ao parlamento premios que animassem os agricultores. Esta repartição, depois de maduro exame, propoz pelo seu presidente á camara dos communs as medidas convenientes, e á frente d'ellas a tapagem das possessões: o que tudo foi adoptado pelo parlamento mediante uma mui profunda e instructiva discussão. Desde então os agricultores rivalizaram a qual taparia primeiro e melhor as suas terras. Com estes tapumes dobraram em toda a parte as producções agriculas, e no condado de York treplicaram; na mesma porporção se multiplicaram e melhoraram os gados de todas as especies.

Em Suffolk havia terrenos inteiramente estereis, de arêas movediças, que os ventos levantavam como ondas do mar, e que os seus habitantes tornaram productivos pelo seguinte methodo: Escolhendo um dia sereno para se fazer a sementeira appropriada — cobrindo a mesma sementeira de espaços a espaços com pequenos feixes de matto, cravados no chão com estacas de pau; estes feixes produzem o effeito de não serem as sementes desarreigadas ou descobertas pelos ventos, de não deixarem mirrar o terreno pelos raios do sol, e de interterem pelo contrario a humidade necessaria á vegetação da semente que se desenvolve, arreiga e vegeta em pouco tempo, e passa a ser fecundada pelos feixes de matto decompostos e reduzidos a estrume vegetal pela acção atmospherica — protegendo a sementeira, assim feita, com sebes altas, que fecham os terrenos, que os abrigam, e os defendem das arêas das vizinhanças arrastadas pelos ventos.

Com medidas e methodos similhantes, appropriados aos locaes, não so se augmentaram e melhoraram prodigiosamente em França todas as especies de productos d'agricultura nas boas terras, mas os terrenos estereis e areentos do dominio nacional foram convertidos em riquissimas mattas, e as charnecas aridas da *Champagne* passaram a dar producções, que pelo testemunho dos agronomos d'aquelle paiz, são dez vezes melhores do que as da planicie.

Adiante indicaremos os *tapumes* adaptados áquelles dos nossos terrenos que por aridos e arenosos forem mais ou menos analogos aos da *Champagne*.

Agora, á vista das citadas instituições, e medidas adoptadas pelo governo d'Inglaterra e seus resultados progressivos desde 1793, e de instituições, medidas e resultados similhantes em França, esperâmos do zêlo do govêrno, entre outras providencias, a de serem semeados para mattas de pinhal, e com as melhores sementes, todos os terrenos de arêas soltas e médos adjacentes, que existem nas nossas costas do mar, e constituem dominio da nação; com o que se obterá uma immensa riqueza nacional, e valiosissimos recursos para a marinha de guerra e mercantil, ao mesmo passo que se evitariam entulhamentos que as ondas d'aquellas arêas arrojadas pelos ventos, causam aos leitos e desembocadura dos rios proximos; e as invasões, incommodos e prejuizos diversos, que fazem á agricultura, gados e moradores das povoações vizinhas. É com ésta esperança e para este fim, que descrevemos o methodo de semear em arêas movediças, praticado em Suffolk; e passâmos a mencionar, com coração nacional, o seguinte exemplo patrio.

Em 1804 chegando de viagem á villa d'Ovar, causou-me notavel surpreza um excellente pinhal que existia no meio do grande areal, que fica entre a villa e a costa do mar; e indagando como se havia alli formado, vim a saber, que o letrado Zagallo sendo vereador induzira a camara a semear e crear aquelle pinhal, e utilizar assim o referido terreno de arêa movediça, pertencente ao concelho da mesma villa; e que elle proprio dirigira os trabalhos da sementeira e abrigos, praticando exactamente e em tudo o methodo empregado em Suffolk. Não podêmos afiançar se ao letrado Zagallo cabe o serviço e a gloria de descobrir aquelle methodo, a que alias nos indicaria a observação de que o referido pinhal estava formado a adulto, quando em Suffolk se começava a obrar em effeito das medidas que se adoptaram na Inglaterra desde 1798; mas decerto lhe cabe o serviço e a gloria de nos deixar verificado o methodo facil e seguro de povoarmos de pinhal todos os terrenos arenosos e médos, que existem nas nossas costas do mar.

Os *tapumes* comprehendem-se em duas divisões, a saber: mortos ou vivos.

São mortos:

1.° Os muros de pedra e cal; os quaes por dispendiosos convém limitar nas habitações e predios ruraes, á separação entre os recintos interiores e hortas

contiguas, dando-lhes altura sufficiente para defensa e resguardo dos mesmos recintos e hortas; e tirando partido d'elles para servirem a parreiras e encosto de arvores ou plantas uteis:

2.º As paredes de pedra ensossa, que se usam em sitios abundantes de pedra; mas que, quando tenham mesmo sufficiente altura e solidez, apenas prehenchem o fim de defender as terras:

3.º Os denominados de *taipa*, feitos de terra batida com seixo, e em sitios faltos de pedra; foram ja usados pelos romanos, e posteriormente por outras nações: hoje porém estão banidos em economia rural, porque, para serem solidos e duraveis, importam a excessiva despeza de alicerce de pedra e parede até dois palmos acima da superficie do terreno, e a de serem logo emboçados com uma grossa camada de argamassa; e se ficam reduzidos á terra batida com seixo ou sem elle, duram pouco e arruinam-se facilmente pela acção do tempo e das chuvas:

4.º Vallados de terra sem balsa: estes de qualquer modo que se façam laboram nos vicios essenciaes de nem defenderem nem abrigarem as terras:

5.º Paliçadas de espeques, travessas, ou taboas de madeira sêcca; são entre os *tapumes mortos* os mais fracos, corruptiveis, sugeitos a roubo dos seus materiaes, alias mais ou menos dispendiosos, e em cima de tudo mal defendem e peior abrigam os terrenos: pelo que estão regeitados em economia rural:

6.º Fossos; os quaes tem sempre sido e são os unicos applicaveis a terrenos alagadiços e pantanosos: devem abrir-se com largura e profundidade sufficientes para prehencherem os dois fins de defender e enxugar as terras, em beneficio e melhoramento das mesmas terras e suas producções; convem serem mais estreitos no fundo: a terra, que se tirar d'elles na occasião da abertura, serve para ajudar a superficie dos mesmos terrenos onde tiverem cavidades, ou para beneficiar outros terrenos magros e aridos: finalmente devem ser limpos todos os annos, e essas limpezas formam um estrume fertilizante, que compensa com usura o trabalho e despeza.

Ja se vê, que das referidas seis especies de *tapumes mortos* somente merecem e devem ser empregadas a primeira e a ultima, nos respectivos casos, para os fins e pela fórma indicada; afóra d'estas devem sempre empregar-se *tapumes vivos*, os quaes se reduzem ás tres seguintes especies: 1.ª vallados de terra com balsa formada de arbustos e arvores: 2.ª paredes com terra no centro sustentando uma balsa de arvoredo: 3.ª sebes de arbustos ou arvores, assentes e formadas na superficie dos terrenos.

É condição essencial de todas e cada uma d'estas especies de *tapume*, que não so defendam completamente os terrenos, mas os abriguem, melhorem e fertilizem, por meio dos arbustos e arvores adaptadas aos locaes e qualidade dos terrenos, e preferindo sempre as que ao mesmo tempo offerecem maior rendimento e prestimo aos serviços de lavoira e economia rural.

As sobreditas balsas e sebes de arvoredo são as que particularmente contribuem para melhorar a qualidade dos terrenos e productos, augmentar as producções e segurar as colheitas; e isto em quanto quebram a fôrça dos ventos, e intertem nos terrenos a temperatura do calor produzido pelos raios do sol durante o dia, e protegem os mesmos terrenos e plantas contra os frios da noite; em quanto a camada inferior do ar atmospherico, que contém a maior quantidade de succos essenciaes ao alimento das plantas, e a não deixam deslocar ou arrastar pelos ventos; em quanto attrahem e conservam a humidade nos terrenos elevados, seccos e arcentos, e os tornam productivos e amenos; em quanto concorrem em especial para maior e melhor qualidade e quantidade de pastos para a creação de gados, e pela subdivisão dos terrenos em cercados regulares de sebes vivas, proporcionam o vantajosissimo methodo alternado de pastos e repastos, ultimamente experimentado em França, e publicado no n.º 15 da Revista; em quanto coadjuvam o interessante ramo de mel e cera pelas flores, que os arbustos e arvores de balsas e sebes offerecem ás abelhas, e a sustentação dos animaes domesticos com as folhas e ramos; em quanto dão ás casas, povoações e propriedades ruraes, um aspecto de vida, amenidade e conforto; e sobre tudo contribuem efficacissimamente para a saude e boa disposição dos homens e animaes, purificando o ar atmospherico pelo principio sabido, de que as arvores e arbustos pelas suas folhas absorvem e assimilam o azote pernicioso, e respiram o oxigenio salutar.

Por outra parte as balsas e sebes vivas, pelas lenhas para combustivel, pelos tanchões e estacas para varios serviços de lavoira e horticultura, e pelos paus e madeira que fornecem para trens aratorios, officinas, máchinas, carros e instrumentos d'agricultura e construcções diversas, produzem maiores e mais importantes rendimentos do que se poderiam obter do espaço de terreno que ellas occupam se se destinasse a qualquer outro objecto de cultura.

Passemos ja a descrever a maneira mais aperfeiçoada de formar cada uma das tres especies de *tapumes vivos*, principiando pelos vallados.

Nos sitios em que não ha pedra forçoso é recorrer a vallados, e o methodo prático de bem os construir consiste no seguinte: Traçam-se duas linhas parallelas dentro das quaes fica o espaço que hade occupar o vallado na sua baze, a qual em terrenos fortes e argilosos terá sette palmos de grossura — segundo a direcção das sobreditas linhas abrem-se fossos, que se chamam *alcorcas*, com largura e profundidade sufficiente para defenderem de um e outro lado o vallado desde a sua baze; para darem escoante ás aguas nativas ou das chuvas, principalmente confinando com caminhos publicos; e para d'ellas se tirar a terra precisa para formar o proprio vallado — quando a superficie do terreno em que se abrem as alcorcas estiver coberta de relva, então talham-se da mesma superficie leivas de torrões com todas as suas raizes e terra adherente, e do tamanho de mais de palmo quadrado, e com elles se fórma uma fileira de cada lado do vallado desde a sua baze, voltando os mesmos torrões com a relva para baixo, bem unidos e batidos sem os desmanchar, e enche-se da terra que se vai tirando das alcorcas o espaço interior que medeia entre aquellas fileiras, batendo bem a terra, e nivelando-a com as mesmas fileiras — prosegue a obra successivamente em fileiras de torrões e terra batida, tomando-se o cuidado de assentar o meio dos torrões de cada fileira superior sobre a junta de dois da immediata inferior, e o de dirigir a construcção do vallado em fórma de *talud*,

isto é, em declive pelo qual o vallado vai estreitando igualmente de um e outro lado desde a baze ao cimo. Estes vallados de sette palmos de baze, devem acabar com altura de seis palmos e meio, e o cimo de tres palmos e meio de grossura, e com superficie concava para melhor receber a plantação da balsa das arvores e arbustos que houverem de o guarnecer, e reter as aguas das chuvas para as transmittir ás suas raizes. Todo o exterior d'estes vallados deve ser bem alizado e batido com pá de ferro, desde a sua baze até ao cimo. É escusado dizer que se os torrões da superficie das alcoras não bastam para concluir a obra d'estes vallados se tomam para esse fim os precisos dos terrenos relvados mais proximos.

Em terrenos compactos e argillosos, ou em que predomina a argilla, mas não relvados, formam-se os vallados com as mesmas dimensões e em tudo conforme o plano e methodo que acabâmos de descrever; com a unica differença de que, para maior solidez, e em supprimento das fileiras de torrões, convem que a terra das alcoreas seja lançada ás camadas da grossura de um palmo desde a baze do vallado, e cada camada seja bem nivelada e batida, principalmente nas extremidades de ambos os lados do mesmo vallado até ao cimo.

Os sobreditos vallados, tanto os formados com fileiras de torrões relvados, como sem elles, devem construir-se na primavera; não so em attenção á qualidade da terra com que se formam, mas tambem por ser a estação propria para melhor pegarem e se desinvolverem as plantações das balsas de arvoredo que os houverem de guarnecer.

Finalmente em terrenos aridos e arenozos, ou em que predomina a arêa, accommoda-se a construcção dos vallados a esses mesmos terrenos, e com as modificações seguintes: Da-se-lhes em todo o caso maior baze, menor altura, e declive mais suave e encorpado desde a baze até ao cimo — se ha perto d'onde se cortem torrões relvados, aproveitam-se até onde chegarem, para formar com elles fileiras em ambos os lados da baze, e apoiarem assim a obra superior — fazem-se depois das primeiras chuvas do outono, quando estas terras areentas estando humidas se ligam e sustém perfeitamente, sendo bem apertadas e batidas á proporção que se forem formando os vallados, e se comprimirem e alizarem bem com as costas da enchada e pa de ferro os mesmos vallados, em todo o seu exterior desde a baze até ao cume — a estação do outono, que assim é appropriada para formar os vallados n'estes terrenos, o é pelos mesmos principios para se plantarem e bem pegarem as balsas de arvoredo que lhes são adaptadas. É com similhantes *tapumes* que em França se tornaram amenos e fecundos os terrenos aridos e arenozos das charnecas da *Champagne*; e que entre nós virão a ser o mesmo os muitos d'esta qualidade em que abundam as nossas provincias.

2.ª especie: *tapumes de parede com terra no centro e balsa de arvoredo.*

Em todos os sitios, em que houver pedra, são estes os *tapumes* que se devem empregar, seja qual fôr a qualidade dos terrenos; e a sua construcção pratica-se pela maneira seguinte: A parede consta de uma enfiada de pedras em cada um dos lados, deixando no meio o espaço que se hade encher de terra, e será de trez palmos e meio — as enfiadas assentam em alicerce sufficiente para solidez da obra, formado, até á superficie do terreno, das pedras mais grossas, bem comprimidas e ligadas com a terra tirada do proprio alicerce — desde a superficie do terreno, as enfiadas de pedra vão subindo sempre bem alinhadas, aprumadas e pegadas com a terra do centro, que se vai lançando, batendo e nivelando com as mesmas enfiadas; e tendo-se o cuidado de assentar o meio das pedras de cada enfiada sôbre a junta de duas da immediata inferior — assim prosegue massiça e solida a parede com a terra do centro; e termina na altura de seis palmos e meio, deixando a terra do cimo em fórma concava para receber a plantação da balsa de arvoredo, e transmittir ás suas raizes as aguas das chuvas.

Antes de passar á 3.ª especie, tractemos ja da formação das balsas nas duas antecedentes.

Quer em vallados, quer em paredes com terra no centro, ás balsas formam-se logo nos seus cumes com a plantação de arbustos e arvores enraizadas ou de estaca, nas que o permittem — fazem-se estas plantações bastas e bem combinadas, para desde logo servirem de defensa e mais depressa o serem tambem de abrigo — compoem-se de arbustos e arvores silvestres, adaptadas aos locaes e á qualidade dos respectivos terrenos, preferindo em todo o caso as mais uteis; sem comtudo excluir as plantas de flores campestres e entre ellas a *madresilva*, que em nada prejudicam a vegetação das balsas, e pelo contrario perfumam o ar e alegram a vista e o coração — finalmente semeam-se desde logo entre as mesmas plantações, e guardando espaços convenientes, arbustos e arvores escolhidas, que alli se criem e formem para futuros rendimentos do proprietario, ou usos e serviços da lavoira.

Para auxiliarmos a formação das sobreditas balsas damos o seguinte apontamento dos arbustos e arvores que para isso se empregam nos paizes extrangeiros, e podem empregar no nosso, a saber «*abrunheiro, ameixieira silvestres—acacia—alecrim—alamo—alfeneiro—amieiro—azevinho—bordo—buxo—carpea—carrasqueiro—carvalho—castanheiro—choupo—espinheiro alvar—evonymo—faia—freixo—loureiro—macieira selvagem—marmeleiro bravo—olmo—pereira selvagem—sabugueiro commum—salgueiro—sobreiro—sorveira—teixo til—vidueiro—zimbro, etc.*

Deixâmos ao descernimento de cada um (para as balsas que houver de formar) escolher, combinar e appropriar os indicados arbustos e arvores, ou quaesquer outras, como convier á sua respectiva indole vegetal, aos locaes, aos fins mais especiaes a que se destinarem as balsas, e á qualidade dos terrenos; sôbre o que nos não permittem divagar os limites do presente artigo: aconselhâmos sim para maior interesse dos proprietarios e do publico, que todas as vezes que os *tapumes* confinarem com caminhos públicos, plantem junto aos lados exteriores dos mesmos *tapumes*, ao longo dos caminhos, arvores bem apropriadas e alinhadas, guardando entre si espaços eguaes e quanto baste para o seu desenvolvimento vegetal; e em terrenos humidos aconselhamos particularmente a plantação de choupos bem alinhados, e com o espaço de nove palmos de uns a outros, por serem as arvores, que a todos os respeitos, e para todos os fins, convem adaptar a similhantes terrenos e locaes.

As arvores e arbustos, acima indicados para as balças, servem tambem *para formar na superficie dos terrenos as sebes de arvoredo que constituem a 3.ª especie de tapumes vivos.*

Estas *sebes*, ou se destinam a defender e abrigar as propriedades pelos lados em que confinam com caminhos publicos, ou a extremar as propriedades entre confinantes vizinho, ou a fazer separações e resguardos no interior das mesmas propriedades.

Quanto *ás primeiras*, a maneira de as praticar reduz-se ao seguinte: Formam-se com arvores e arbustos, adaptados aos locaes e qualidade do terreno, e preferindo entre elles os de espinho — marca-se o espaço de terreno sufficiente que hão de occupar — da-se a esse espaço uma cava funda, chamada *de meia manta*, e deixando a terra bem nivelada — abre-se, entre o lado exterior e o caminho publico, um fosso de sufficiente largura e profundidade para desde logo defender a plantação e a sebe; e a terra, que d'elle se fôr extrahindo, vai-se lançando sôbre a ja cavada no espaço que ha de occupar a sebe, igualando-a bem á superficie— sôbre essa mesma superficie se plantam as arvores e arbustos, de que se composer a sebe, deixando-lhes á roda do pé uma concavidade para lhes reter e transmittir ás raizes as aguas das chuvas; e plantando-os bastantemente chegados para formarem um massiço impenetravel — convirá emfim amparar do lado exterior com uma sebe morta as plantações *da viva* até se acharem arreigadas e vigorosas. Ja se vê, que em casos identicos e em terrenos argillosos, quasf sempre mereceram preferencia a estes sebes os tapumes com balsa, e arvores junto ao lado exterior; e em terrenos arenosos sempre.

Quantas *ás segundas destinadas a extremar as propriedades entre confinantes*, praticam-se pelo methodo seguinte: Abre-se junto ao seguimento da extrema, um fosso de tres palmos de largura e outros tantos de profundidade, lançando a um lado a terra que se extrahir até a metade de cima, e ao outro a que se extrair da metade debaixo; e feito isto cava-se mais um palmo no fundo do fosso deixando ficar a terra bem limpa e nivellada — lança-se sobre essa terra até um palmo da outra mais de cima, que se extrahiu do fosso; e n'esta bem desterroada e nivelada, se faz a plantação das arvores e arbustos de que se compozer a sebe, continuando a lançar no fosso, por egual e sempre bem unida e apertada, a terra que se extrahíra da metade de cima do mesmo fosso, e acabando de o encher com a extrahida da metade debaixo — devem estas sebes compor-se de arvores de pequenas dimensões e de arbustos apropriados, preferindo os que permittem que os seus ramos ou vergonteas se teçam e enlacem entre si e façam as sebes mais massiças e impenetraveis — a obra termina por uma alcorca de palmo e meio de largura e egual profundidade, aberta entre o lado da sebe plantada e a linha divisoria da extrema confinante; a terra que se for extrahindo da alcorca vai-se lançando sobre a da plantação da sebe, calçando ao mesmo tempo os pés das arvores e arbustos, e ficando á superficie em fórma conçava para lhes favorecer a vegetação e crescimento com as aguas das chuvas: Ao proprietario, que assim faz na sua terra a alcorca, compete limpal-a e cortar a prumo da linha divisoria da extrema os ramos das arvores e arbustos da sua sebe. — Estas sebes, em terrenos fracos e seccos, plantam-se passadas as primeiras chuvas do outono; e nos fortes, e mais ou menos humidos, plantam-se na primavera.

Quanto *ás terceiras, destinadas a fazer separações e resguardos no interior das propriedades*, praticam-se em tudo pelo methodo que acabâmos de descrever para *as segundas*: guardando as differenças seguintes: Marcam-se com regos de arado, ou com riscos de enchada ou alvião nos terrenos e locaes que não admittirem arado, linhas para as sebes em todas as direcções, divisões e separações, que houverem de ter e occupar — pelos regos ou riscos marcados se abrem fossos, e se plantam as arvores e arbustos na formação d'éstas sebes; tudo com as mesmas dimenções, pelo mesmo methodo e nas mesmas estações, que regem para as da especie antecedente; mas para maior expedição e economia dos trabalhos, todas as vezes que os ditos fossos forem marcados com regos de arado, e em todos os locaes e terrenos que o admittem, serão os mesmos fossos começados abrir e seguirão com a charrua em toda a largura e profundidade que ella podér alcançar, coadjuvando-se esse serviço, e aperfeiçoando-se e completando-se com os mais proprios instrumentos manuaes, como são a enchada, alvião e pá de ferro; reservando-se o serviço exclusivo d'estes instrumentos paras os locaes e terrenos que não admittem o arado e charrua — para as sebes escolhem-se com especial preferencia as arvores de mediana dimensão, e os arbustos cujos ramos e vergonteas se teçam e enlacem entre si para formarem ao mesmo tempo um massiço firme e unido que defenda e abrigue os terrenos cercados, sem os assombrar em demazia — n'éstas sebes não ha alcorca.

Estas sebes representam um papel importantissimo em agronomia, e com especialidade se empregam e servem para augmentar e melhorar a quantidade e qualidade das pastagens para a creação dos gados: para, por meio de pastos e repastos, augmentar na quantidade, qualidade, pêso e volume, os mesmos gados, quando sãos, e lhes facilitar abrigos separados quando doentes; servem finalmente nos sitios montuosos e inclinados para terem mão nas terras arrastadas pelas chuvas e formarem terraplenos naturaes.

Lisboa 20 d'outubro de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

CAMINHOS-DE-FERRO EM PORTUGAL.

234 O govêrno de S. M. acaba de tomar uma providencia importante, offerecendo aos imprehendedores d'estradas-de-ferro as bases do privilegio com que ellas podem ser estabelecidas no nosso paiz.

O govêrno concede o privilegio exclusivo por 99 annos aos carris e vehiculos de transporte; as terras do Estado por onde esses carris houverem de passar, e a pedra, arêa e barro que forem necessarios; exempção de direitos para todos os artigos precisos para construcção dos carris; exempção de impostos geraes ou locaes sôbre o capital da empresa e suas obras; a faculdade de formar as tabellas dos preços de tranporte por dez annos, findos os quaes o govêrno intervirá d'accordo com a empresa. A construcção dos carris será completamente por conta e risco da empresa: um anno depois de assignado o contracto devem ser começados e seis depois acabados: o transporte dos despachos do govêrno será gratuito, e o dos corpos do exer-

cito, bagagens etc. pela quarta-parte do preço commum. A empresa depositará na junta-do-credito-publico, como fiança, e em fundos portuguezes, uma sommma na razão de dôze contos por legua.

Como se vê éstas, e outras condições complementares que por brevidade se omittem, estão, ao que me parece, conveniente e sabiamente calculadas. O paiz acaba de dar um grande passo na estrada dos melhoramentos materiaes pela fórma mais illustrada que podia dal-o em suas circumstancias financeiras: os interesses economicos talvez começam a ser devidamente avaliados, e a considerar-se emfim o progresso material com a attenção que demandam todos os ramos importantes d'este grandioso meio da prosperidade publica; pois é de esperar que a mesma prudencia que dictou éstas bases presidirá igualmente á sua applicação prática.

PARTE LITTERARIA.

CAPITULO XVII.

De como chegando outra sexta-feira e estando a avó e a neta á espera do frade, este lhe appareceu, contra o seu costume, da banda de Lisboa. — Porque razão muitas vezes a mais animada conversação é a que mais facilmente pára e quebra derepente. — Nova demonstração de dous grandes axiomas dos nossos velhos, a saber: Que o hábito não faz o monge; e que ralhando as commadres se descobrem as verdades. — No ralhar da velha com o frade, levanta-se uma ponta do veo que cobre os mysterios da nossa historia.

235 Passaram-se aquelles oito dias no valle, não ja como se tinham passado tantas outras semanas em vagas tristezas, em desconsolação e desconfôrto, mas em positiva anciedade e aguda afflicção pela certeza que trouxera o frade de se achar Carlos no Porto fazendo parte do pequeno exército de D. Pedro.

Incertos rumores, d'aquelles que percorrem um paiz em tempos similhantes e que augmentam, e exaggeram, confundem todos os successos, tinham chegado até ás pacíficas solidões do valle com as notícias de combates sanguinarios, de commoções violentas, de desacatos sacrilegos, de vinganças e reprezalias atrozes tomadas pelos aggressores, retribuidas pelos que se defendiam.

Chegou a sexta-feira; e as horas d'esse dia, sempre desejado e sempre temido, foram contadas minuto a minuto — a qual mais longo, a qual mais pezado e lento de volver, quanto mais se approximava o derradeiro.

O sol declinava ja... e Fr. Diniz sem apparecer!

No seu poiso ordinario aope da porta da casa, Joanninha com os olhos extendidos, a velha com os ouvidos álerta, devoravam o espaço na direcção de nascente, esperando a cada momento, temendo a cada instante ver apparecer o conhecido vulto, ouvir o som familiar dos passos do frade.

E tam intentas, tam absortas estavam ainda n'este cuidado, que não deram fe d'um religioso que pelo lado opposto, isto é, da banda de Lisboa, para alli se incaminhava a passos arrastados mas presurosos.

Chegou rente d'ellas sem o sentirem; e uma voz conhecida, porêm mais cava e funda do que nunca a ouviram, pronunciou a fórmula de saudação costumada:

— 'Deus seja n'esta casa!'

— 'Amen!' responderam ambas machinalmente, com um estremeção involuntario, e voltando derepente a cara para o lado d'onde vinha a voz.

— 'Jesus!' disse depois a velha tornando a si, 'Padre Fr. Diniz, de d'onde vem tam tarde?'

— 'Chego de Lisboa.'

— 'De Lisboa? Deus lh'o pague!... Foi saber?...

— 'Fui, fui saber novas d'esta horrivel guerra, d'esta tremenda visitação do Senhor á condemnada terra de Portugal...'

— 'E então, diga'...

— 'Boas novas, boas novas trago!'

— 'Sente-se, padre, sente-se. Joanninha, chega uma cadeira: descanse.'

— 'Não é tempo de descançar este, mas de vigiar e de orar.'

— 'Pois que succedeu, padre? Não me tenha n'esta horrivel suspensão. Diga: onde está elle? Alguma desgraça grande lhe aconteceu, oh meu Deus!...'

— 'E que me importa a mim o que aconteceu, ou podia acontecer a mais um de tantos perdidos? Encherá a sua medida, irá após dos outros... caminha nas trevas com elles, e como elles, so hade parar no abysmo.'

A éstas derradeiras palavras do frade asperamente pronunciadas e em tom de indifferença e desprêzo, seguiu-se aquelle silencio comprimido, aquella pausa de toda a conversação grave e íntima em que os pensamentos são tantos que se atropellam e não acham sahida na voz.

Fr. Diniz mentia... na dureza d'aquellas expressões mentia ao seu coração — não mentia ao seu espirito. Como o caustico se applica á epiderme para deslocar a inflammação interior, elle roçava o peito com as asperidões de sua doutrina e de seus principios rigidos para amortecer dentro a viva dor d'alma que o consummia.

O frade estava por fóra, o homem por dentro.

O observador vulgar não via senão o burel e a corda que amortalhavam aquelle cadaver. O

que attentasse bem n'aquelles olhos, o que reparasse bem nas inflexões d'aquella voz, diria: 'Frade, tu mentes; mentes sem saberes que 'mentes: es sincero na tuá fe. na tua austeri-'dade, na tua abnegação, mas o teu sacrificio 'é como o de Abraham na montanha, e Deus 'sabe que tu não tens força para o cumprir.'

Não o percebeu assim a pobre velha aquem os rigores de Fr. Diniz faziam tremer, e que para toda a affeição, para todo o sentimento humano julgava morto o coração do cenobita.

Ella que no silencio de suas noites sempre veladas na perpetua escuridão de seus dias sempre tristes luctava ha tanto tempo, luctava debalde para desprender das affeições do mundo, aquelle seu pobre coração que queria immollar ao Senhor, ella via com sancta inveja e admiração as sobrehumanas fôrças que imaginava no frade, e desanimada de o podêr seguir n'essas alturas da perfeição evangelica, recahia mais desalentada e mais miseravel que nunca, em toda a sua fraqueza de mulher e de mãe.

Oh não sabe o que é tormento, o que é inferno n'este mundo o que não soffreu d'estas angústias!

Mas permitte Deus que as padeça quem não tem grandes culpas, grandes e irreparaveis erros para expiar n'este mundo?

Eu creio firmemente que não.

. . . . . .

. . . . . .

Cansada e exhausta ja de tam porfiada lucta, a velha perdeu de todo a razão com as últimas palavras do frade, e n'um paroxismo de lagrymas exclamou:

—'Diniz!... Fr. Diniz por aquelle pinhor sagrado que eu tenho em meu podêr, por aquella preciosa cruz sôbre a qual se derramaram as últimas lagrymas da minha desgraçada filha, Diniz!...'

—'Silencio!' bradou o frade, arrancando um brado de dentro do peito que fez gemer os echos todos do valle, 'Silencio, mulher! não conjure o demonio que eu trago incarcerado n'este seio, que á fôrça de penitencias mal pude domar ainda — que so a morte talvez poderá expellir. Mulher, mulher! este cadaver que ja morreu, que ja apodreceu em tudo o mais, que ja o comem, sem o elle sentir, os bixos todos da destruição... este cadaver tem um unico ponto vivo no coração... e o dedo do teu egoismo ahi foi tocar, oh mulher!... Oh peccado que estás sempre contra mim! Oh justiça eterna de Deus quando serás satisfeita?'

Rompêra na maior violencia a voz do frade, mas descahiu n'um tom baixo e medonho ao fazer ésta última imprecação mysteriosa. As derradeiras syllabas quasi que lhe morreram nos beiços convulsos, e ao balbuciá-las deixou-se cahir, exhausto e como quem mais não podia, na cadeira que Joanninha lhe chegára.

A velha aterrada e confusa tremia do que fizera, como deante do espirito immundo que seus maleficios evocaram, treme a maga assustada de seu proprio podêr.

Passaram alguns segundos que nenhumas palavras podem descrever.

O frade levantou o rosto, olhou para ella, olhou para Joanninha... e, como quem emerge, por grande esfôrço, de um pêso enorme d'aguas que o submergiam, sacudiu a cabeça sorveu um longo trago de ar, e disse na sua voz ordinaria, so mais debil:

—'Carlos, senhora... minha irman, Carlos está vivo, e exaqui, vinda pelo consul de França, uma carta d'elle.'

Tirou uma carta da manga e a intregou a Joanninha.

(Continúa.) *A. G.*

DO PARIATO. (*)

236 Á força de darem dinheiro a quem o pedia e que era fraco, que era o rei, quando elles pelo contrario iam engrossando, quizeram os cummuns emfim tambem metter cabeça na politica, d'onde tinham sido excluidos até alli por sua casta baixa. Successivamente sôbre o taleigo foram pactuando as suas liberdades que pagavam de contado. E obtiveram a nomeação de fiscaes á gerencia dos dinheiros concedidos por elles ao rei. Succedeu assim ja do tempo de Ricardo II, Henrique IV, e até no reinado de James I. Adiantaram-se tanto a este proposito os barreguões, que no decimo-quarto seculo propozeram a confiscação de todos os bens do clero, que tinha uma terça parte das terras do reino e tinha 485.000 marcos de prata de renda O systema conforme elle agora funcciona não chegou a consummar-se sem grandes vicissitudes. Seria uma injustiça querer para este unico topico uma regularidade de deducções que nada n'este mundo comporta. Assim como os barões onde cuidavam de achar forças vieram a perder a vida, repartindo as suas baronias, os communs fracos e pobres não podiam tão pouco sonhar que d'ahi a seculos a recusa dos barões em querer assistir á derrama, para se evadirem a ella, havia de vir a dar mais tarde a sua exclusão na repartição d'ella, sem todavia se poderem eximir á sujeição da sua imposição. Pedindo os communs aos lords, em uma occasião, que mandassem 5 ou 6 dos seus a discutir com elles um subsidio que pedia o rei para defensa publica, sua e do rei, redarguiram-lhes os nobres que era insolito tal pedido. D'ahi foi-se introduzin-

(*) Continuado de pag. 198.

do a prática dos communs concederem, e os lords annuirem. Andando este processo por ésta fórma por muito tempo. Depois ja rejeitaram os communs todos os bills de dinheiro que tivessem começo nos lords. Em 1593 firmaram de todo os communs este privilegio. A última vez que os lords tiveram a pertensão de originar um bill d'ésta especie foi em 1671, que foi desattendida in limine. Finalmente no tempo de Carlos I os communs ommittiram até a menção da camara dos lords em taes projectos de lei, prática que se tem continuado até hoje.

Tudo milita em favor das idêas que tenho estado a expôr para fundamentar a minha opinião. O excessivo número dos convocados não podia servir para nenhuns fins deliberativos. Hoje são 658 e sempre foram muitos. A sua adscripção, segundo os meios e posses das localidades para contribuirem, deve ser attendido. Os logares é que eram que deputavam, o que ainda agora fazem, e não a população. A indistincção da nacionalidade, pois que Calais em França tambem mandava membros ao parlamento: a sua convocação arbitraria, segundo a vontade, o caprixo, ou necessidade do convocando; patenteam um novo onus, e nunca um fôro aos desvalidos elegidos e elegendos a quem nunca deram quartel, e que requeriam para não mandarem procuradores á presença real.

Ésta theoria tal qual ella é, nenhum publicista inglez a quiz ainda desinvolver, nem mesmo Hallam, e comtudo não é por ser visionaria. Os inglezes veem ainda hoje tudo pelo prisma do feudalismo. Teem certas noções que não desfalcam d'ellas nada. São pueris mesmo, as explicações que dá Blackstone a respeito dos tributos que são ordenados so pelos representantes do povo, e por fim acaba por dizer que não sabe o motivo porque os lords não podem fazer lei nenhuma onde entre contribuição por pequena que seja; o que ao meu ver, e aos olhos da san razão é certamente bem intempestivo, e uma manifesta injustiça para o seculo em que estamos em que todos pagam, igual escote segundo a propriedade que tem.

A outra especie que eu me propuz esclarecer que é a do recrutamento em que os lords tambem não teem ingerencia senão passiva, deduz-se quanto a mim, obviamente, da obrigação que os seus antecessores politicos, os barões, tinham de serem todos soldados, permitta-se-me a impropriedade do vocabulo applicado aos feudatarios que tinham o soldo no feudo. Nas leis de Henrique I, entre o qual e o conquistador se mette um reinado, temos o seguinte preceito — liberi homines.... arma tenere... juxta praeceptum domini regis.... non illa in-vadiare (empenhar) nec extra regnum vendere, sed haeredibus suis.... legare .. si haeredes non habuerint dominus suus illa recipiet... pelagus (fide cum colegatus) illa receperet.... si vero nihil istorum haberet re regni...illa resumet—Nos parl. Writ. a. d. 1287 temos, em harmonia com a lettra d'este dictame, um mandado dirigido a Robertus Peche e 117 mais, no qual lhes é intimado, in fide qua nobis tenemini, de se apresentarem com cavallos e armas perante Edmundo conde de Cornwall, logar-tenente d'el-rei na Inglaterra, em Gloucester. Outro igual mandado se repete a. d. 1291 na mesma collecção, com direcção a Robertus de Stutevill e outros mais, entre elles o arcebispo de York, ordenando-lhes, in fide et homagio, que hajam de comparecer com cavallos e armas em Norham, d'alli a seis semanas. Na mesma compilação a. d. 1283 mais outro mandado a Rogerus le Bigot, conde de Norfolk e marechal d'Inglaterra, referindo que os galenses persistiam na rebelião, e o rei alli ia para os reprimir. O conde é pedido affectuosamente, in fide et dilectione, que haja, com cavallos e armas, de unir-se ao rei. Na mesma data, a mesma rogativa a 8 condes e 77 adherentes; a Johannes de Bello-campo e 14 ditos; a Rogerus Extraneus e 11 ditos. Não eram so os titulares temporaes que estavam ligados a ésta obediencia os bispos, e mesmo as abbadessas, eram obrigados a mandar á guerra os seus contingentes, que eram conduzidos por *Senechaes* (Rymer a. d. 1260.) A cidade de Londres tambem supportava o mesmo encargo. Em 1296 (parl. Writ.) fornece ella 20 homens armados por 4 semanas, cada um recebendo 20 marcos para as suas despezes; em outra occasião 40 homens d'armas e 50 ditos d'arco. A rainha das cidades, a nação das cidades, a capital de todas as nações so com este contingente? A nossa pequena Lisboa, pela ord. Affon. l. 1 t. 69, era taxada em 300 besteiros do conto, e ésta ordenação foi acabada em a Villa-da-Arruda em 1446. São n'éstas indiciações que se póde estudar o ser e a existencia da sociedade. Além das categorias de uma e outra condição, ja enumeradas, os particulares que eram livres, não eram tão pouco exemptos do serviço na milicia. Rymer, Foedera, traz, *tem*: Henrique III an. 1242. Summonitio Regis hominibus de Vasconia, ao todo 100, que traziam comsigo outros seus dependentes, desde 1 até 30 cada um, total 633 homens d'armas. N'outra data (1257) de exercitus regis summonito, para ir a Galles, ha mais 50 *tenentes in capite* que trazem comsigo 21 homens mais. Em 1294, ha uma leva geral, ordenada aos sheriffs d'Inglaterra, aos abbades, aos priores e escudeiros que possuiam por sua cabeça qualquer feudo militar, para se reunirem em Portsmouth, para passarem o mar, e irem defender a Gasconha pelo rei. O mesmo, a Isabel de Ros. etc. Ja no reinado de Eduardo I, que foi *monarcha muito emprehendedor*, anno 1282, tinha havido uma identica intimação aos arcebispos de Cantuaria e do York, bispos d'Inglaterra, 24 chefes de casas religiosas, abbades, abbadessas e priores; aos sheriffs d'Inglaterra, estes não por si mas para chamarem todas as pessoas que possuissem in capite, e podessem pegar em armas afim de apparecerem na mostra que devia ter logar em Rhuddlan na manhan do domingo de San'Pedro ad vincula em 2 d'agosto. Foram incluidas mais n'este chamamento 186 senhoras que possuiam bens com onus militar. Nenhum homem que tivesse terras do valor de lb. 30 era dispensado de se prover de um cavallo bom, e as armas competentes. Á falta de cavallo, era concedida composição. Pediram-se n'ésta occasião emprestimos á egreja, aos negociantes, por toda a parte do reino. E aos negociantes italianos. Deu-se ésta commissão a Willidmus de Luda. Todos estes preparativos eram para ir contra o paiz de Galles.

O rei (Eduardo I) que fazia ésta expedição, contemporeo do nosso D. Diniz, não era tão pouco muito amigo das usurpações ecclesiasticas. Nos parl. Writ. anno 1300, vem uma requisição ao arcebispo de York, bispos d'Inglaterra, e nada menos de 80 abbades, sem que se faça menção de nenhum secular. O conquistador tinha tido toda a contemplação com o *pais a seinte e-*

glise, mas este seu descendente, remettia-lhe a obrigação de ir á guerra dando 1 terço ou 1 quinto dos seus bens temporaes para ella. Não admira esta reacção. A igreja tinha-se apoderado de muito de mais; era fraca para manter. Os seus acolitos tinham vezos que não poderiam conciliar ninguem, derivados da dissimulação e da hypocrisia, gigantes de que se costuma valer a fraqueza para se segurar. A isto ajuntavam a avareza e o vicio, que era de esperar da sua origem. (1) A igreja filiava a sua hoste na classe degradada que era a vencida. Ésta filiação não podia deixar de a contaminar de todo o vilipendio que era commum á raça desauthorada, e que ía lá buscar pão, abrigo e rehabilitação, a troco da torpeza e grossaria, unico patrimonio que possuia, e que podia levar em dote prodigamente. A commiseração costuma prestar os trajos da virtude á infelicidade. Nem sempre ésta ligação procede. E senão é olhar de roda. A miseria expia, póde ser, mas não é certo que purifique. As mais das vezes pollue os miseraveis que a soffrem. Os bispos e abbades pela prevenção em que iam sendo tidos pelas razões referidas, posto que devessem fornecer tropa evitavam de lh'a pedir por senão confiarem d'ella. As suas fileiras recrutadas dos naturaes da terrra causavam todo o receio. Hume C. 4.

O pouco respeito pela prelazia, a despeito da superstição dos tempos, concorria tambem para fazerem d'ella troço e não a quererem para a lide campal. Os barbaros, que ultimos conquistaram a Inglaterra, tinham tanta ou tão pouca reverencia para as lettras mesmo as sagradas, apezar de todo o prestimo que os reis tiravam dos individuos que as seguiam, para ter as turbas em sujeição, que no tombamento a que mandou proceder o conquistador, foi no recenseamento dos officios da população mettido entre os cozinheiros reaes um arcebispo. sir H. Ellis Domesday Book. V. I p. 92 Bib. pub. Lx.ª

Continúa. *C. A. da Costa.*

CRITICA-LITTERARIA.

EURICO OU O PRESBYTERO.

237 No n.º 26 do 4.º v. da Revista foi dada larga conta d'este grandioso romance — grandioso lhe chamo eu pela concepção e pela execução, como *primeiro* e como modêlo. Mas n'esse extenso artigo o seu illustre A. quasi nada tractou do livro para mais largamente podêr desinvolver a idêa, que alguns honrosos e louvaveis escrupulos (conscenciosas dúvidas que nunca poderão ser levadas a mal em animos bem intencionados) lhe haviam suscitado, sôbre os perigos moraes e litterarios que d'este romance poderiam provir. Não entrarei eu na avaliação do ponto até que esses receios podem ser fundados. Questões são essas a que não sei, nem posso elevar-me. Comtudo, encarado assim o romance no seu fim moral e impressão artistica; faltava ainda olhal-o pelo lado historico e da invenção etc. considerando-o por parte da *critica*.

E foi isto o que fez o Sr. A. V. dignando-se remetter a ésta Redacção o seu imparcial quanto judicioso juizo sôbre uma obra tão acredora de consideração, e em todo o caso digna de ser saudada e sôbre bem acolhida como quem apparecia pela primeira vez entre nós.

Sobremaneira estimo e agradeço a offerta. Éstimo-a por vir de quem vem, que assaz de jus lhe dão seu talento e estudos a ser bemquisto; e agradeço-a por se referir a objecto que assim ficára carecendo de completo desinvolvimento n'este jornal.

—

Ousaremos dizer hoje alguma coisa a respeito de um livro, que por certo tem de marcar uma epocha na nossa historia litteraria, queremos fallar do EURICO O PRESBYTERO.

A litteratura portugueza ricca em obras historicas, riquissima em producções poeticas de todo e genero, sem tambem lhe faltarem excellentes livros de philosophia, de moral e de muitas sciencias e artes, era comtudo assaz pobre no artigo dos romances. A Hispanha tinha apresentado um Cervantes, a França um Le Sage, um Sue e muitos outros, a Inglaterra um Swift, Richardson, Fielding e Walter Scott, a Allemanha um Goethe... e que possuiamos nós para lhes comparar? Tinhamos a 'Constante Florinda,' a 'Roda da Fortuna,' o 'Allivio de Tristes,' e mais alguns, não muitos, *livrecos* escriptos no mesmo gôsto! O 'Palmeirim de Inglaterra,' e o 'Clarimundo,' são composições cujo merecimento consiste no classico da linguagem e no seculo em que se escreveram; o seu grande valor é da classificação numismatica, e pertence todo á antiguidade. Finalmente apparece o EURICO e agora podêmos dizer com ufania que possuimos um romance nacional.

Não ha dúvida em que para se encontrar na Peninsula um periodo de tempo verdadeiramente poetico, convem procural-o desde a invasão dos arabes; o valor dos antigos godos enervado e perdido pela corrupção da côrte de Toledo, renascia com brios novos em presença do perigo e devastação universal; o sentimentalismo religioso, esse derradêiro asylo do homem desgraçado, do qual se haviam esquecido os filhos de Ataulfo, entre os prazeres que a prosperidade inventa, voltava de novo aos corações para os consolar e fortalecer, agora, que escurecida a estrella da esperança, tudo lhes agoirava uma existencia temerosa e miseravel; o amor, que, quando o vicio domina os homens, parece servir unicamente para endurecel-os, e tornal-os como as féras na bruteza, recobrava toda a sua energia e doçura; porque o homem vendo a sua casa abrazada, a sua familia perseguida

(1) Eu não sei ate que ponto os meus leitores estarão scientes da crapula que dominava nos claustros; e entre o clero nas idades medias. Se algum curioso tiver gosto em se familiarizar com a litteratura satyrica e comica d'aquelle tempo, eu posso-lhe indicar collecções e auctores em que se poderão saciar a fartar. Aqui estão pequenissimas mostras do que por lá hão de achar.

Non pastor ovium sed pastus ovibus.

Et ly pastors de Nozevis
Qui devoure ses berbis

Prior dixit ad abbatis
Ipsi habent vinum satis
Vultis dare paupertatis
Noster potus omnia?

Si pueros mihi prostitues tenerusque puelles
(Hœc mihi namque plaunt meum) divis erit

Roma vale: vide, satis est vidisse: revestor
Quum uno, meretrix, scurra, cinædus ero.

ou morta, os seus amigos dispersos; vendo-se obrigado a fugir e a esconder-se nas covas da montanha deserta e bravia, ou entre as asperezas do bosque solitario; então é que conhece e sente profundamente a necessidade de amar e ser amado. Uma mulher o acompanha e o segue para esses logares ermos e inhospitos; ao seu lado ella partilha os maiores trabalhos e soffrimentos; cercado continuamente de receios e fadigas, o homem não acha consolação senão em quanto repousa por alguns avaros momentos encostado ao seio palpitante da terna companheira, que sente com elle, que padece com elle, e em cuja alma doce e meiga, reflectem, como em espelho purissimo, todas as impressões de que elle proprio se sente commovido. Que sería dos homens se nao crises de oppressão e de infortunio, não viesse a mão benefica do amor abrandar por um pouco as dolorosas chagas do coração?!

E é justamente n'uma d'essas crises terriveis que nós vemos arrastar-se a vida do infeliz EURICO! Sua coragem e seus talentos militares haviam gloriosamente triunfado na guerra civil da Cantabria; seu distincto nascimento era conhecido; e no virtuoso coração, onde os desejos de gloria pareciam somente imperar, viéra um amor ardente e puro lançar profunfundas raizes; mas o pai da formosa Hermengarda, movido pelo orgulho, e por interesses mais altos, se opposéra decididamente á união de EURICO com sua filha, e nem consentira siquer que élla dissesse ao infeliz amante: «EURICO, eu amo-te... amo-te com um «amor tão puro, tão leal, tão ardente, como o teu.» O heroico mancebo soube por seu mal que o duque de Cantabria o não queria para genro; mas ignorava que era amado, ignorava que era elle quem somente occupava todo inteiro o coração virgem da innocente e sensivel Hermengarda.

Morto para toda a esperança, sem ter ao menos a melancholica consolação de saber que era amado, de saber que outra alma tão candida e sensivel como a sua, partilhava dolorosamente as angustias que o consummiam, que lhe restava sôbre a terra?! A religião ou a morte. Escolheu a primeira, porque somente nas meditações da immensa eternidade podia perder-se a immensidade da sua dôr! O vacuo, em que sua alma desvairada se abysmava, fôra impossivel ser cheio pela idêa acanhada e cobarde de uma morte desesperada! EURICO precisava de viver para chorar! Quem fizera tamanha perda como elle, senão considerasse com attenção na eterninadade, onde poderia descobrir o termo consolador do seu infortunio?! O nobre gardingo ausentou-se da côrte, onde a gloria o cercava, e procurou achar na religião do Christo os allivios que já para elle não tinha o mundo!

Ordenado de presbytero a seu cargo tomára a pobre parochia de Carteia. Alli sem ser conhecido pelo que fôra, a montanha do Calpe o via esconder-se em seus reconcavos, assentar-se sôbre seus rochedos, ora abaixando os olhos humidos e inchados pelo pranto sôbre as aguas tremulas do mar, ora elevando-os para o ceu, como quem de lá somente esperava consolação! Pela vasta solidão da montanha amiudadas vezes os echos repetiam seus longos e magoados gemidos! Comtudo EURICO desempenhava exactamente as obrigações que lhe impozera o ministerio sagrado; os pobres e os desvalydos achavam sempre n'elle um protector seguro; e as doutrinas sanctas que o Christo ensinára aos homens, tinham no presbytero de Carteia o mais eloquente demonstrador. EURICO era poeta, e a melancholia que o dominava déra aos canticos religiososos por elle compostos, um toque de sentimento tão profundo que os tornára famosos na Hispanha. Eis-aqui um esboço bem grosseiro, mas veridico, do charater dado pelo sr. Herculano ao heroe do seu romance.

Achava-se EURICO parochiando o povo de Carteia, quando os arabes commandados pelo celebre Tarick, desembarcaram junto do monte Calpe, vindo á conquista da Peninsnla iberica. O rei Ruderico acudia em defensa da patria na frente do exercito godo; e as margens do Chryssus iam presenciar a grande batalha entre christãos e mosselemanos, que devia decidir por muitos seculos os destinos hispanhoes!

Travara-se a peleja tremenda e sanguinosa, como era de esperar dos arabes animados pelo fanatismo religioso e politico da seita mahometica, e dos godos que combatiam pela sua fé, patria e liberdade. Um guerreiro, defensor da cruz, se apresenta no campo montado em um soberbo cavallo negro e coberto com uma forte armadura da mesma cor; cada golpe que despede sacrifica uma vida, os arabes espantados fogem e não ousam avizinhal-o; os godos, que não sabem quem elle seja, animam-se e veem de longe o ultimo sorriso da victoria. Mas os fados tinham determinado que a Hispanha se perdesse, e era mister que a lei da providencia fosse executada. Em vão pois o valor sôbre-humano do cavalleiro negro tentou luctar contra as forças superiores do destino que lhe era aveso; apenas conseguiu recuar por alguns dias o momento fatal, que finalmente chegou. Os arabes, qual torrente impetuosa que todos os diques arrasa, romperam por todos os lados o campo christão; foi morto o rei Ruderico e o presbytero de Carteia, que não podia ser outro o disfarçado cavalleiro negro, teve de salvar-se nas montanhas das Asturias seguindo os destroçados restos do exercito vencido.

Alli se achava tambem refugiado o valoroso Pelagio, futuro chefe da nova monarchia gothica, Eurico reconhecia n'elle os direitos que ao mando lhe dava o sangue dos antigos reis hispanhoes que lhe girava nas veias; além de que Pelagio era irmão de Hermengarda, e do coração do presbytero, apezar dos mais violentos esforços e do imperio do tempo, não podéra por um so instante sahir a viva imagem d'aquella a quem unicamente amára sôbre a terra.

Mas Hermengarda tinha sido capturada pelos arabes, e aquem, senão ao cavalleiro negro, tocava de direito a arriscada e difficultosissima empresa de a libertar? A' frente de doze mancebos heroes, Eurico vôa ao centro do acampamento mosselemano, e á força de prodigios de valentia e coragem, alcança livrar a princesa e restitui-la aos braços de seu irmão.

Eurico soube então que era amado; os dias deliciosos, que sua joven imaginação outr'ora se creára, podiam finalmente ser uma realidade! Pelagio o amava, respeitava-o, e Hermengarda suspirava por ser sua! Mas este conhecimento, que uns poucos de annos antes teria feito a gloria suprema do infeliz gardingo, foi agora o decreto da sua morte! Em quanto se julgou desprezado póde chorar e viver; porque o seu coração terno e amante, consolava-se

com as lagrymas, e vivia no amor da eternidade! Mas quando sabe que é amado por aquella aquem votára toda a sua existencia n'este mundo, quando a felicidade, que como illusão se lhe mostrára na sua juventude, o vinha emfim procurar depois de tão longos soffrimentos... então se lhe apresenta a lei inexoravel do sacerdocio, qual invencivel muralha de bronze, interposta entre elle e o objecto querido do seu amor! Regeitado por Hermengarda, acolhèra-se ao sanctuario da religião: chamado agora por ella, diz-lhe a religião que a não escute... que a não oiça... n'este lance terrivel de inexplicavel desolação onde acolher-se?...

A scena de mortal amargura, que se passou na entrevista de Eurico com a irman de Pelagio na cova de Covadonga, acha-se descripta pelo sr. Herculano com tanta energia e tal sublimidade de estylo, que não podêmos resistir á tentação de transcrever aqui aos nossos leitores uma parte d'ella: « Mas os olhos scintil-
« lantes do cavalleiro tinham amortecido: derribado
« na lucta, que travára com o destino, o seu comba-
« ter de tantos annos terminava finalmente. Um sorri-
« so insensato substituiu-lhe no rosto as contracções
« habituaes de melancholia e desalento. Affigurava-se-
« lhe que em roda d'elle baloiçava a caverna, e a luz
« fumosa da tocha, que ardia segura no braço de ferro
« cravado na pedra, parecia-lhe faiscar em fitas côr de
« sangue. Esvahido, vacillante, assentou-se n'um frag-
« mento de rocha, e estendendo a mão para Hermengar-
« da pegou de novo na d'ella, e com um sorriso indisi-
« vel, continuou em voz submissa: — Dez annos! Sabes
« tu Hermengarda, o que é o passar dez annos amar-
« rado ao proprio cadaver? Sabes tu o que são mil e
« mil noites consummidas a espreitar em horisonte illi-
« mitado a estrella polar da esperança, e quando no
« fim os olhos cansados e gastos se vão cerrar na mor-
« te, ver essa estrella reluzir um instante, e depois
« tombar do ceu nas profundezas do nada? Sabes o
« que é caminhar sôbre urzes pelo caminho da vida,
« e achar no fim, em vez de marco miliario, onde o
« perigrino dê tregoas aos pés rasgados e sanguentos,
« a borda de um despenhadeiro, no qual é força pre-
« cipitar-se? Sabes o que isto é? É a minha triste his-
« toria! Estrella momentanea, que me illuminaste,
« cahiste no abysmo! arbusto, que me retiveste um
« instante, a minha mão desfallecida abandonou-te,
« e eu despenhei-me! Oh quanto o meu fado foi ne-
« gro. »

Que linguagem! Que estylo! Onde iremos buscar livro nacional em que achemos a alta eloquencia do sentimento expremida com maior força, e que nos deixe o coração possuido de tão longa e profunda commoção? A dôr concentrada ha tanto tempo na alma de Eurico tresborda com tal impetuosidade que o leitor fica como abysmado pela violencia da corrente.

Todo o romance desde o principio até ao fim fórma um grande quadro lugubre, verdadeiramente tragico; e o sr. Herculano deu-lhe o vigor de pincel, e a propriedade e viveza de colorido que demandava uma tão sublime concepção; é um livro escripto com uma igualdade de estylo que raras vezes temos visto; nem um so epitheto que não convenha ao sugeito, nem um so periodo que não seja cheio, euphonico, variando os sons da linguagem conforme os objectos que descreve, com inimitavel habilidade. O estylo do Eurico sublime sem obscuridade, elevado sem inchação, proprio sem affectação, ricco sem prodigalidade, variado sem constrangimento, e natural sem baixeza, é na verdade capaz de fazer deseperar a grande caterva dos imitadores: por isso ja nós ouvimos dizer, que era um *livro altamente perigoso*, porque os escriptores mediocres querendo imita-lo se involveriam em um labyrintho inintelligivel, d'onde atacados pelo minotauro da propria incapacidade, não poderiam sahir senão pelo fio do mais tresvariado seiscentismo; mas isto é o mesmo que culpar o grande Vieira das miserias dos escrevinhadores que tão mal o imitaram, e acoimar os divinos 'Lusiadas' pelas sandices da 'Joanneida'!

Consolem-se os imitadores e não se desanimem; lembrem-se do que diz Virgilio, que não era nenhum pedaço d'asno, fallando de Ascanio a quem elogiava,

« Sequitur que patrem non passibus œquis! »

Se escreverem um romance, que dê alguns ares do Eurico, á fé que escrevem um livro soffrivel, e nós o leremos com prazer.

Forçoso é portanto confessar, que ésta producção litteraria do sr. Herculano pelo que respeita ao estylo, é uma das mais perfeitas que possuimos. Quizeramos citar alguns traços d'ella, porém isso seria tornar este artigo mais longo do que convem, e acima ja demos a nossos leitores uma amostra de grande valia; comtudo sempre commemoraremos uma pagina do capitulo 4.º denominado — *Recordações*. É Eurico fallando em uma elegia por elle mesmo composta.
« Era por uma d'estas noites vagarosas do inverno,
« em que o brilho de um ceu sem lua é vivo e trému-
« lo, em que o gemer das selvas é profundo e longo,
« em que a soledade das praias e ribas fragosas do
« Oceano é absoluta e tetrica. Era a hora, em que
« o homem está recolhido nas suas mesquinhas mora-
« das; em que pelos cemiterios o orvalho se pendura
« do topo das cruzes, e sosinho goteja das bordas das
« campas; porque a saudade da viuva e do orphão,
« a desesperação do amante, o coração despedaçado
« do amigo, tinham tido pavor das larvas da imagina-
« ção, e do gear nocturno! Para se consolarem, os
« infelizes, dormiam tranquillos em seus leitos ma-
« cios... em quanto os vermes do sepulchro roiam o
« cadaver do extincto, amarrado á sua cama de mar-
« more pelo grilhão da morte chumbado nos seios da
« pedra. Hypocritas dos affectos humanos, o somno
« enxugou-lhes as lagrimas!.....
« ..... Os mares pareciam n'aquella hora recorda-
« rem-se ainda do rugido harmonioso do estio, e a
« vaga arqueava-se, rolava, e espreguiçando-se pela
« praia reflectia a espaços nas golphadas de escuma a
« luz indecisa dos ceus. » Em que monumento da nossa lingua se encontrará uma descripção mais bella do que ésta? Não se sente o leitor transportado ás praias de Carteia, e não lhe parece estar ouvindo no silencio da noite os canticos magoados e chorosos do presbytero, assentado sobre a rocha solitaria, espalharem-se e perderem-se por entre o rugido das ondas fugitivas? A frescura e o pittoresco d'este traço são tão repetidos, ou antes continuados por todo o romance, que se tentassemos fazer mais algumas citações por ventura dariamos a sua integra.

Temos tractado da invenção, e particularmente do estylo do livro, agora diremos alguma coisa sôbre a

parte moral d'elle. Achâmos que ésta é purissima; e as agonias que ralam o coração do presbytero nada concluem contra o celibato do clero. N'este ponto podem os escrupulosos socegar. A igreja disse, que queria celibatarios os seus ministros; mas não disse, que do celibato lhes resultaria uma vida cheia de contentamento e exempta de pezares. O sr. Herculano no seu prologo bem claro fallou: elle não intenta apresentar um quadro que revolte o sentimentalismo contra as leis ecclesiasticas; o que pertende é mostrar com o exemplo o que um padre póde ter a padecer em consequencia da isolação d'alma, a que sôbre a terra o obriga a lei do sacerdocio: *cupio dissolvi et esse cum Christo*, dizia S. Paulo; diga o padre o mesmo que o apostolo, e soffra como elle soffreu, porque a igreja não lhe fez promessa de não soffrer; antes sendo a religião christan uma religião de soffrimento e de prova contínua, não é para admirar que os seus ministros sejam os primeiros a dar o exemplo de valor n'este incessante combate contra as paixões que assaltam o coração. Quem não tiver coragem para tanto fuja de assentar praça em um exercito, que todo elle devêra ser composto de heroes; a igreja nunca fez recrutamento forçado, a sua farda é voluntaria e livre; quem a veste não tem motivo justo para se queixar depois. Não vemos portanto nada no romance do sr. Herculano que offenda a religião e a moral, porque a religião e a moral não se offendem com a pintura do coração humano, quando ella é tão verdadeira e ingenua como se descobre no infeliz Eurico.

Resta-nos finalmente fallar da parte historica, e de costumes, a qual temos tambem por exactissima; e se alguns anachronismos se encontram no romance, são elles ornamento proprio d'esta qualidade de composições, porque um romance não é uma chronica. Alli o que se procura descrever é a Hispanha do seculo VIII, e quem haverá que a não conheça tal qual era n'esse tempo, depois de ter lido o romance do sr. Herculano? Se em alguma coisa discordâmos da opinião do illustre escriptor, é na classificação da edade heroica peninsular. Parece-nos que se essa edade deve conceder-se a ésta nossa terra, a sua existencia é anterior á conquista dos romanos, e que os semideuses se ausentaram para sempre d'entre nós desde os tempos de Viriato e Apimano. O prestigio mythologico, que se perde na geração das eras, não podia existir com a civilisação romana que subjeitou nossas acções ao imperio da historia; e ainda que depois viesse a conquista gothica annuvear por algum tempo as luzes historicas, todavia os godos não eram indigenas, e as honras mythologicas queriamos que pertencessem de direito exclusivo aos descendentes de *Tubal* e á raça Celtibera; e quando, apezar da nossa vontade, alguem tentasse disputar essas honras, parece-nos que o periodo decorrido desde a entrada dos arabes até á batalha do Salado, é muito mais prestigioso e heroico, que todo o tempo passado entre Ataulfo e Ruderico. Mas isto são meras observações nossas, que deferimos com sincera cordialidade ao supremo tribunal do illustre auctor do Eurico.

Quanto á valentia, quasi sôbre-natural do cavalleiro negro, nada achâmos contra o gôsto romantico, que se possa notar. Mais modernos eram 'Ricardo I' e 'Ivanhoe,' e lea-se em Walter Scott o que elles fizeram! Somente desejaramos que a morte do heroe não tivesse acontecido do modo que se conta no romance. Uma alma tão nobre, tão generosa, tão energica, como a de Eurico, não devia, não podia ceder á idea mesquinha e fraca de um suicidio! Sim, um suicidio, dissemos nós, porque supposto que as crenças d'aquelle tempo admittisem, que a morte na guerra contra os infieis era verdadeiro martyrio, nem porisso admittiam que se offerecesse o corpo desarmado ao alfange sarraceno: e nós lemos na 'Jerusalem Libertada' a reprehensão que o sensato Raimundo de Toulouse deu a Godefredo quando este, por effeito de um voto imprudente, se lançou ao assalto da cidade sancta coberto somente de uma ligeira armadura. Os guerreiros não eram missionarios, e não podiam dispensar-se da obrigação de se armarem, que a lei natural lhes impunha. Se Eurico na qualidade de presbytero intentasse fazer uma missão a Mugueiz, a morte que o moiro lhe deu se conformava perfeitamente com todas as conveniencias de crença e de costumes; mas Eurico alli era um cavalleiro da cruz, e então a sua morte, recebida por tal modo, fica sendo um suicidio disfarçado! Elle ja não podia viver: convimos; mas a sua morte devia ser effeito da fraqueza do corpo, que não podia mais, e nunca da degeneração de um espirito tão superior como se mostrou até agora o seu.

Não sabemos se este final concorda com o character tão energicamente sustentado por todo o romance—não sabemos talvez se isto é um defeito—o que porém sabemos com certeza é, que se o livro contém este ou outro defeito, as suas bellezas são tantas que aquelles nem siquer lembram ao leitor.

F. L. d'A. V. da F.

ASSOCIAÇÕES LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL DE LISBOA.

238 Sexta-feira (17), depois das 8 horas da noite, reuniu o Conservatorio-Real para continuar a discussão de que a Revita fallou em seu último número. O ponto é importante e a discussão tem sido prolongada; a votação do artigo em questão ainda ficou addiada. Era quasi meia-noite quando se levantou a sessão.

THEATRO DE SAN'CARLOS

Abertura — A linda de Chamounix, opera semi-seria em 3 actos — As illusões de um pintor, bailete em 2 partes.

239 Domingo (19) começou a segunda epocha da actual empresa do theatro-italiano. Uma peça de Donizetti, nunca ouvida em Lisboa, era ja de per si novidade d'attrahir. O nome do illustre compositor é querido do nosso público, e nenhuma opera sua *cahiu* ainda na nossa scena-lyrica.

Não direi que ésta opera seja uma das de primeira ordem de Donizetti; tem muitas reminiscencia d'outras operas suas, e falta-lhe certo character-typico que distingue as grandes concepções. Comtudo, é uma serie nunca interrompida de *bonitos* trechos que a fazem agradavel e bemquista mesmo sem ser grandiosa. Está posta-em-scena com esmero e muito bem ensaiada.

Das partes que debutaram n'esta opera darei o primeiro logar ao Sr. Salandri artista d'intelligencia e

do melhor methodo de canto. A Sr.ª Ranzi no seu registo de voz, vulgarmente chamada de *cabeça*, tem notas de bastante força, e toda ella é clara e melodiosa. Foi muito applaudida no rondo e no duetto com o baixo Salandri, que por ambos os artistas foi excellentemente desempenhado. O Sr. Miró, compatriota nosso, tem uma voz de tenor bastante sympathica, mas que ainda não está formada em razão da sua pouca idade: tem muito bom methodo e canta com gosto. O Sr. Catallano, que foi applaudido na aria do 3.º acto com os rapazes *savoiards*, não desmerece certamente nem pela voz, nem pelos gestos.

As illusões de um pintor, foi uma scena mimica, que serviu de pretexto ao debute da copia Martin. A S.ª Zimmerman (creio ser este o seu appellido) dança com firmeza notavel, e fez passos, aliás difficies, com muita perfeição e acabamento. O Sr. Martin corresponde seguramente á fama que o precedeu.

E assim começaram as bellas noites do theatro-italiano, que, segundo o repertorio que se diz escolhido, se tornarão progressivamente ainda mais bellas e magestosas. A segunda opera é a *Maria de Rudens* para debute do tenor Severi, e parece que a terceira será outra opera nova, *I due Foscari*, partitura de Verdi, o celebre auctor dos *Lombardos* e do *Hernani*, e a qual tem produzido o maior enthusiasmo em todos os theatros da Italia.

CORREIO NACIONAL.

240 N'uma das ultimas reuniões da Assemblea-philarmonica, o sr. Saint-Martin que devia tomar parte distincta no concerto, manifestou veziveis symptomas de alienação mental. O auditorio era numeroso, e a tristeza que tão longe estava d'aquelle recinto se apossou repentinamente do coração de todos á vista de tão funesto acontecimento; vendo assim no cumulo da infelicidade o homem que em tantas outras noutes contribuíra tão poderosamente para o suave divertimento d'aquellas mesmas almas que n'esse momento se condoiam da sua desgraça com a mais sincera compaixão.

O sr. Sant-Martin acha-se actualmente no hospital de San'José; e a Assemblea-philarmonica que sabe avaliar perfeitamente toda a infelicidade d'ésta posisição, attendendo ás circumstancias do infermo, ouvimos que vai abrir entre si uma subscripção para de algum modo acudir á desgraça de um dos seus socios honorarios.

Este facto que revela tanta philantropia quanto é a honra que cabe á corporação que o pratica, diz-se que vai ser seguido pela Academia-philarmonica. Ambas éstas sociedades hão de merecer louvores das almas mais bem formadas. *S...*

Segundo o que parece, a representação que a Companhia do Theatro-nacional da Rua-dos-Condes é chamada a dar no Theatro de D. Maria II, na noite de 29 do corrente, para solemnisar o Anniversario de S. M. El-Rei, hade constar de: A Manhan d'um bello Dia, ode-cantata allegorica, trecho poetico misturado de declamação e coros d'ambos os sexos, poesia do sr. Mendes Leal e musica do sr. Pinto; o Senhor de Dumbicky, comedia em 3 actos de M. A. Dumas traduzida pelo sr. J. B. Ferreira; Um par-de-luvas, farça-lyrica n'um acto pelo A. do Beijo, musica do Sr. J. Casemiro. O espectaculo d'esta noite é gratuito, mas ouvimos que a Companhia, que se prestára tambem gratuitamente a esta representação, obterá do govêrno, em attenção ás grandes despezas que tem a fazer, a permissão de dar algumas representações públicas para indemnisação.

Pelo último navio chegado do Havre veio o panno de bôcca para o Theatro de D. Maria II. Se é verdade o que se diz, este panno é offerecido por um artista italiano, actualmente em Paris, M. Ferri, a quem o nosso govêrno condecorou com a Ordem de Christo.

Legado exemplar. — O falecido lente da Eschola medico-cirurgica de Lisboa, A. J. Salgado, ordenou em seu testamento se vestissem trinta sentenciados do presidio do Castello: a verba testamentaria está cumprida.

Exemplo de caridade. — O Sr. Cardoso Klerk, sôbre os beneficios que fazia quotidianamente a um egresso por nome L. J. d'A. d'Abreu e Lima, acaba de o recolher a sua casa para lhe fazer a operação da cataracta. O illustre facultativo foi felicissimo no seu caridoso empenho: apesar da provecta idade de 84 annos que contava o infermo, e de haver obra de sette que tinha cegado, recuperou a vista e pôde ainda antes de morrer gosar do espectaculo da natureza para mais do intimo d'alma abençoar o seu bemfeitor!

No 'Cosmopolita' lê-se a seguinte notícia de uma philantropica instituição:

«*Meninos desamparados.* — No seminario dos meninos desamparados, sito na rua Chan d'esta cidade, existiam no último de dezembro de 1843 — meninos 23, entraram em todo o anno de 1844, 18; embarcaram e sahiram para differentes destinos 10, ficaram existindo no último do anno 31; fez de despesa n'aquelle anno 2:641$845, teve de esmóla 597$600 de 370 bemfeitores, além de outros que contribuiram com varias esmolas em generos.

Este estabelecimento fundado em 6 de janeiro de 1814, por o sr. João Manoel Rodrigues Barbosa, sustentou, vestiu, educou, e arrumou, até ao fim de 1844, 784 meninos desamparados, que tiveram os seguintes destinos — para os portos do Brazil, 277; entregues a seus paes, ou parentes, 78; para differentes officios, 365; para os estudos, 2; fallecidos, 31; existiam no último de dezembro de 1844, 13.»

Por decreto de 15 do corrente houve Sua Magestade por bem de nomear para socios livres do Conservatorio-Real de Lisboa, os seguintes litteratos e artistas: — Antonio José Viale — Antonio Pereira da Cunha — Augusto Panseron — J. Rossi-Caccia — João Baptista Ferreira — João da Cunha Neves Portugal — João Guilherme Daddi — João de Lemos de Seixas Castello-Branco — João Luiz Olivier Cossoul — José Maria de Sousa Lobo — José Maximo de Castro Neto Leite e Vasconcellos — José Osorio Cabral Castro e Albuquerque — Listz — José Tavares de Macedo — Luiz Augusto Rebello da Silva — Manuel Joaquim Botelho — Manuel Maria da Silva Bruschy — Rodrigo José de Lima Felner — Sebastião José Ribeiro de Sá — Thalberg — Tiburcio Antonio Craveiro.